



Jovens pelo fim da violência



Abril de 2008 - Direitos reservados ao Promundo

Redação: Simone Gomes

Responsáveis pelo projeto: Gabriela Aguiar, Márcio Segundo,
Marianna Olinger, Max Freitas e Simone Gomes

Projeto gráfico: Metara Comunicação (www.metaracomunicacao.com.br)

PROMUNDO

Presidente: Elizabeth Sussekind

Diretor-Executivo: Gary Barker

Diretor de Programas: Marcos Nascimento

Coordenador da Área de Pesquisa e Avaliação: Márcio Segundo

Coordenadora do Programa de Prevenção de Violência: Marianna Olinger

Contato

Tel./Fax: +55 [21] 2544.3114

Site: www.promundo.org.br

JovEMovimento

Jovens pelo fim da violência

Não existe somente uma juventude, mas várias, vividas segundo seus contextos e identidades diferenciadas. Todavia, ainda existe a tendência de considerar a juventude como um grupo homogêneo, como nas manchetes de jornais, com associações entre jovens e problemas sociais ou entre jovens e o conceito de esperança, como se a eles coubesse o futuro do Brasil. A população brasileira considerada jovem (entre 15 e 29 anos) é de 48 milhões de habitantes. É nesta faixa etária que se encontra a parte da população brasileira atingida pelos piores índices de desemprego, evasão escolar, mortes por homicídio, envolvimento com drogas e com a criminalidade.¹

O projeto JovEMovimento tem como objetivo promover a educação entre jovens para viabilizar o direito de uma vida livre de violências e advogar por esses direitos através do uso de ferramentas de comunicação nos níveis local e nacional. Para tanto desenvolve ações de monitoramento das ações de prevenção de violência da Política Nacional da Saúde² – Ministério da Saúde e mobilização pela implementação de tais ações, dialogando diretamente com gestores públicos nos níveis local e nacional. Para iniciar o trabalho em âmbito nacional e ajudar na definição do foco das ações em cada uma das quatro regiões contempladas pelo projeto (Rio de Janeiro; Brasília; Recife e Abelardo Luz), foi realizada uma pesquisa de análise situacional,

¹ SOARES, L. E. (2004) *Juventude e violência no Brasil contemporâneo*. In: *Juventude e Sociedade – Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. Org: Regina Novaes e Paulo Vannuchi.

² A escolha da Política Nacional de Promoção da Saúde se deve ao caráter duradouro desta, por representar uma política de Estado, bem como ao foco preventivo no que tange a violência. A política prevê uma série de ações relacionadas à prevenção de diversos tipos de violência como uma política de promoção da saúde e para tal, se articula ao Plano Nacional de Prevenção da Violência, por meio de parcerias com os Núcleos de Prevenção da Violência e Promoção da Saúde (formado por Secretarias de Saúde, Universidades e ONGs) e com a Rede Nacional da Prevenção da Violência.



com o objetivo de lançar luz sobre alguns dados das juventudes brasileiras nessas regiões.

A juventude brasileira enfrenta múltiplas violências e suas vítimas são, principalmente, homens, afro-descendentes, oriundos de comunidades de baixa renda, majoritariamente em contexto urbano. Os centros urbanos são os mais densamente povoados e apresentam as maiores taxas de desemprego (particularmente entre jovens), e também são onde a desigualdade e exclusão social são mais evidentes, combinação que resulta em altas taxas de violência nessas áreas.

Dados do Ministério da Saúde afirmam que fatores externos (como violência e acidentes de trânsito) são responsáveis por 70% da mortalidade de jovens no Brasil.

Neste contexto de vulnerabilidade, muitos jovens brasileiros são pouco conscientes de seu direito a

uma vida segura, saudável e a um desenvolvimento harmonioso, ou ainda, lhes falta oportunidades para demandar acesso a esses direitos.

Homens jovens brasileiros correm mais risco de serem mortos (mais de 90% das vítimas de homicídio em 2003 eram homens, jovens entre 15 a 29 anos), mas também estão mais inclinados a cometer atos de violência, incluindo homicídios.

Alguns dados da UNESCO (2005) sobre a juventude brasileira são:

- 0,7% dos jovens brasileiros de 15 a 29 nunca frequentou a escola, enquanto 38% estudam regularmente.
- 56,1% trabalham e 22,8% encontram-se desempregados.
- 27,3 % dos jovens já participou ou participa de alguma organização social.





Metodologia

Um dos objetivos da análise situacional era levantar os casos de violência – seja como vítima ou como autor – em diferentes espaços de sociabilidade. O estudo optou pelos seguintes espaços: *casa* (violência sofrida pelos pais e/ou sofrida ou cometida contra seus/suas parceiros /as), *escola* (violência de um adulto contra o (a) jovem, do (a) jovem contra adultos e entre os jovens), *comunidade* (violência sofrida por ou cometida contra atores sociais onde vivem) e *institucional* (violência sofrida pela polícia). Para tal foi elaborado um questionário, que seria aplicado pelos próprios jovens que são integrantes do Projeto.

O questionário contemplava os seguintes itens: informações sociodemográficas; ocupação profissional; parceiros (as); uso de drogas; abordagem policial; uso de armas de fogo; comportamentos no trânsito; convivência com amigos; comunidade em que vivem; as instâncias sociais de participação dos jovens, além de itens de uma escala de equidade de gênero e de auto-eficácia. Entrevistados com mais de 18 anos assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*. Para aqueles com menos de 18 anos, seus pais assinavam o *Termo*.

Por questões orçamentárias, o número de entrevistados por cada cidade ficou limitado a 300 jovens, que foram selecionados via amostra domiciliar. Com exceção de Abelardo Luz que não dispunha de dados sobre a população, nas demais foram retiradas amostras domiciliares do número de jovens, respeitando a proporção de sexo dos jovens. Em cada domicílio selecionado, apenas um jovem respondia o questionário.

Os comportamentos de violência foram agrupados em dois índices: um contendo os comportamentos de *violência psicológica* (insulto ou xingamento, humilhação, ameaça, ouviu comentário ou piada que o (a) deixou constrangido (a) e sofreu algum tipo de ameaça usando arma branca (faca, canivete, estilete, punhal ou arma de fogo) e o outro índice de *violência física* (beliscão, soco, tapa, chute ou pontapé, empurrão, puxão de cabelo e alguém ter atirado coisas na direção dele (a)). E finalmente aqueles que responderam que alguém tivesse o (a) forçado a manter relações sexuais foi considerado como os casos de *violência sexual*. Além disso, foi desenvolvido um índice de possíveis discriminações sofridas pelos jovens na busca por um trabalho. Em se tratando de violência institucional, o questionário oferecia opções referentes à violência policial.





Quem são os jovens do Rio de Janeiro-RJ?

Os 299 jovens selecionados eram moradores do complexo da Maré, sendo representados em 52% pelo sexo feminino. Mais da metade (53%) dos jovens estavam matriculados no colégio no momento da pesquisa. O ambiente escolar não é livre de violências, pois 1 em cada 10 jovens declarou já ter sofrido violência psicológica na escola, sendo que homens e mulheres são afetados por essa de forma semelhante (12% de mulheres e 10% de homens). Já as violências físicas cometidas entre jovens na escola atingem mais os homens, segundo 6% dos jovens entrevistados.

Foi perguntado aos jovens se eles concordavam com algumas frases indicando atitudes violentas. A frase "Se alguém me insulta, defendo minha honra até com força se necessário" obteve uma alta aceitação. Apesar disso, também foi alta a rejeição à frase "Há momentos em que a mulher merece apanhar?" indicando uma atitude frente à violên-

“

Conhecemos melhor nossos direitos e daí é possível participar e provocar mudanças”

“

As leis que temos no Brasil são boas, mas o modo como são exercidas é ruim”

Parceiros
Rio de Janeiro:



Apoio:

cia que acredita que a honra deve ser defendida com força, mas não acredita no uso desta com as mulheres.

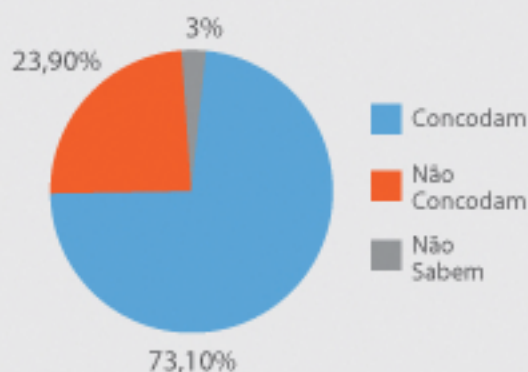
A especificidade da favela carioca aparenta ser um componente social na medida em que o local de moradia aparece como a principal causa de discriminação na busca por emprego segundo 15 % dos homens e 15% das mulheres, a frente de fatores como idade, raça/cor e ter ou não filhos. Já a discriminação enfrentada por policiais se dá, para 1 em cada 5 homens pelo modo como se vestem.

No que diz respeito à participação comunitária e à cidadania, 13% dos entrevistados afirmaram já terem feito parte de algum projeto social na sua comunidade nos últimos 3 meses. Além disso, mais da metade dos jovens afirmou que sente-se capaz de organizar uma passeata para reivindicar serviços públicos melhores na comunidade.

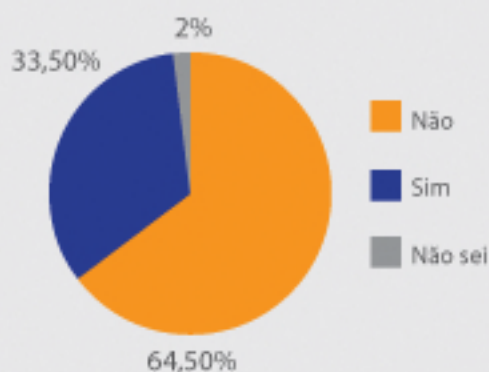
“

Ajudou a interpretar melhor a linguagem usada pela mídia sobre determinados assuntos e diferenciar o que é motivado por preconceito.”

Se alguém me insulta, defendo minha honra até com força se necessário



Há momentos em que a mulher merece apanhar?



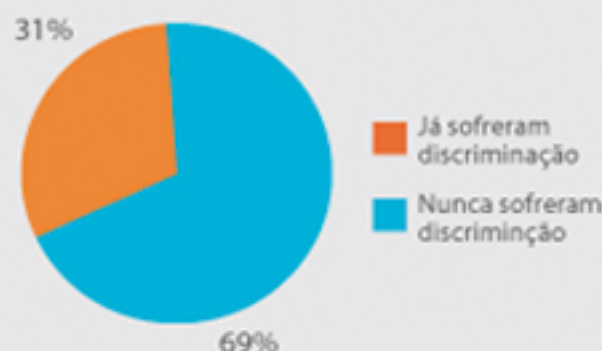
Quem são os jovens de Recife-PE?

Os 247 jovens ouvidos eram moradores do bairro da Várzea e 57% eram do sexo masculino. Mais da metade dos jovens freqüentava a escola no momento da pesquisa, e 1 em cada 4 declaram já ter sofrido algum tipo de violência psicológica por um adulto dentro da escola. Em relação à violência sofrida pelos (as) jovens entrevistados (as) por outros(as) jovens, 1 em cada 3 jovens já sofreu violência física no ambiente escolar.

Uma das muitas discriminações sofridas pelos jovens da cidade acontece na hora de buscar um emprego, como mostra a tabela abaixo. Uma em cada 4 mulheres que já procurou emprego se disse vítima de discriminação. Além disso, para 16% das mulheres e 23% dos homens o fator que mais contou para sentirem-se discriminados foi à idade.

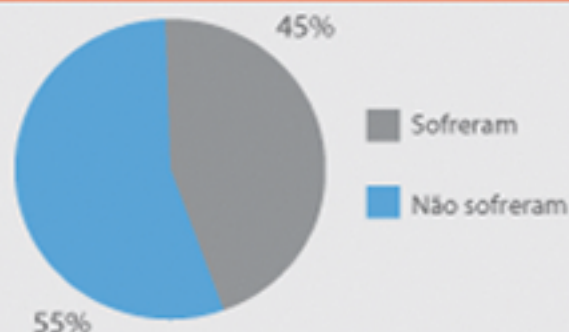
Recife é uma cidade onde os jovens utilizam-se habitualmente de bicicletas como meio de transporte, sendo assim, também são altos os números de acidentes envolvendo ciclistas e pedestres, contabilizando 1 em cada 3 jovens ciclistas pesquisados. Sobre a participação na vida social comunitária, 62% das mulheres e 67% dos homens afirmaram que sentem-se capazes de organizar uma reunião com membros de suas comunidades para combater a violência. 9% dos jovens pesquisados afirmaram terem participado em projetos sociais em suas comunidades nos últimos 3 meses. O que não significa que eles não conheçam algumas instâncias de participação coletiva em sua cidade, como os Conselhos Estaduais e/ou Municipais, citados por 41% das mulheres e 49% dos homens.

Discriminação na busca por emprego

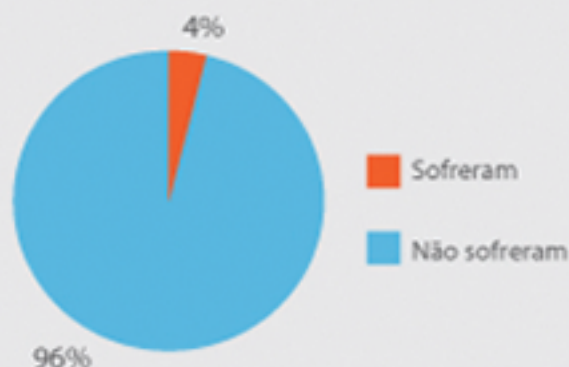


Quase a metade dos jovens entrevistados já foi abordada pela polícia fora de sua comunidade, sendo que 90% deles eram homens. Essas abordagens são, muitas vezes, seguidas de violência física e psicológica, como podemos observar nas tabelas abaixo. Há uma clara diferença de gênero no tocante a violência perpetrada pelos policiais, pois o percentual de homens que sofreu violência psicológica é muito superior ao de mulheres. Os motivos para a discriminação policial, para 42% dos entrevistados, decorrem, principalmente, do modo de se vestir e da eventual presença de tatuagens.

Homens que sofreram violência psicológica por parte da polícia



Mulheres que sofreram violência psicológica por parte da polícia



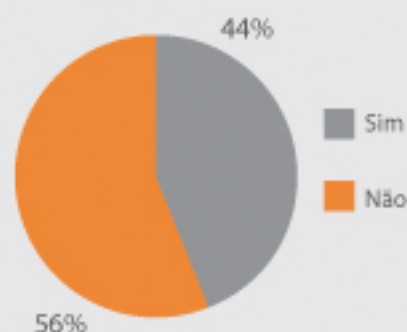
Quem são os jovens de Ceilândia-DF?

Os 255 jovens entrevistados eram moradores do bairro de Ceilândia Norte. Em um contexto de diversas violências, a escola não foge à regra. A violência dentro da escola, que pode assumir múltiplas formas, é comum principalmente na ocorrência de brigas e *bullying*. Essa realidade, no Distrito Federal, tem um dos índices mais elevados do Brasil, junto à Goiânia, com uma porcentagem de 45% de jovens que dizem que sua reação frente a uma briga na escola é incentivar.³

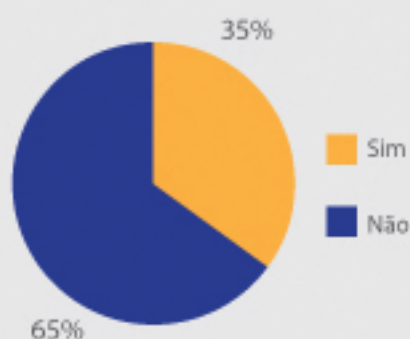
A busca por emprego, um marco na vida dos jovens, é vivida por alguns deles como um processo não isento de discriminação por 36% das mulheres e 32% dos homens entrevistados. Já a violência institucional, representada por uma abordagem policial preconceituosa fora da comunidade foi mencionada pela maioria dos homens jovens de Ceilândia (80%) e por 1 em cada 5 mulheres. Já dentro da comunidade a abordagem pela polícia relatada foi mencionada por 1 em cada 5 jovens, em sua maioria, homens. A violência física por parte dos policiais é quase sempre direcionada aos homens. Como motivo para suspeita por parte dos policiais, o modo de se vestir dos jovens foi a resposta mais ouvida por 34% das mulheres e 26% dos homens.

Já em relação a solidariedade e a vida comunitária, são altos os índices de participação na vida comunitária em Ceilândia. Além disso, a análise dos dados indica um engajamento (ao menos em termos de desejo e possibilidade) maior por parte dos homens jovens. Dados da UNESCO⁴ (2006) indicam que 27% dos jovens brasileiros participam ou já participaram de alguma organização social e no âmbito da nossa pesquisa, apuramos que são muitos os jovens que sentem-se capazes de atuar na medida a organizarem-se para resolver problemas sociais. Como exposto a seguir:

Sentem-se capazes de criar grupos comunitários?



Há momentos em que a mulher merece apanhar?



³ Para mais informações ver: ABRAMOVAY, M. (2002) *Violência nas Escolas* – Brasília: UNESCO, 400 p.

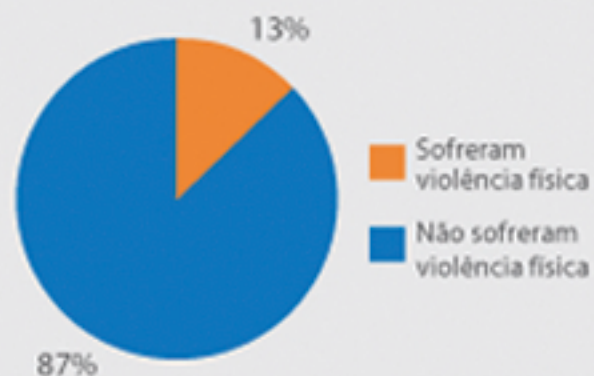
⁴ Para mais informações ver: ABRAMOVAY, M. e CASTRO, G. M. (2006) *Juventude, juventudes: O que as une e o que as separa* – Brasília: UNESCO, 744p.

Quem são os jovens de Abelardo Luz-SC?



Os 148 jovens entrevistados eram jovens moradores de assentamentos do MST – Movimento dos Sem Terra. Dentre esses jovens, quase todos estudavam no momento da aplicação da pesquisa, com 90% dos homens e 78% das mulheres matriculados na escola, totalizando 131 jovens estudando. Nesse ambiente, os índices de violência infligidas e sofridas por jovens foram os seguintes:

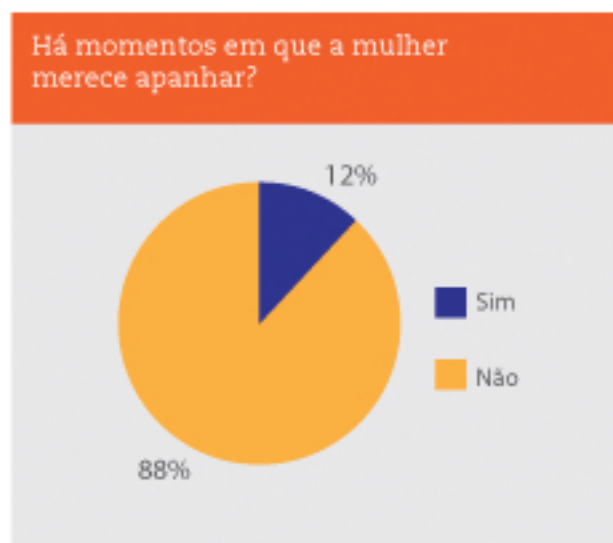
Violência física nas escolas



Violência psicológica nas escolas



Quando se trata de perpetuarem essas violências no ambiente escolar 9% das mulheres disseram ter cometido violência psicológica e 7% violência física, enquanto 13% dos homens relataram terem cometido violência psicológica e 10% violência física. Quando perguntados se há momentos em que a mulher merece apanhar, os jovens de Abelardo Luz apresentaram uma alta rejeição a afirmativa, com a concordância de apenas 12% dos jovens, como pode ser visto a seguir:



"Toda violência é um extremo. Se chega ao extremo da violência é porque já devia ter acabado muito antes. As pessoas escolhem com quem vão se relacionar. Exceto a família que não se escolhe, mas pode ou não se afastar. E é muito mais fácil escolher a não violência. Pra viver junto, marido e mulher tem que se conhecer, e se conhecem de verdade, conhecem as atitudes de cada um."

No ambiente familiar, 22% dos jovens afirmaram ter sofrido violência psicológica e 9% violência física perpetrada pela mãe. Já em relação à cidadania e a participação comunitária, 95% das mulheres sentem-se capazes de criar grupos comunitários para resolver problemas sociais e também sentem-se capazes de organizar uma reunião com membros de suas comunidades para combater a violência.

“

Toda forma de agressão não deveria existir. Deveria existir a conversa. Por mais que a mulher seja aos extremos como ele falou...Mas acima de tudo deve haver a conversa, por mais que o cara fique nervoso.”

“

No momento que a pessoa está com raiva, se no caso eu apanhei, eu to com raiva da pessoa, eu vou lá. Num momento de desespero. Mas aí depois pensa direito, vai convivendo com a pessoa e se arrepende, ou se arrepende no mesmo momento.”





Coordenação nacional e Rio de Janeiro

Promundo

Fundado em 1997, Promundo é uma organização não governamental brasileira cujo foco é na equidade de gênero e na prevenção de violência contra crianças e jovens. Nossos projetos tem um alcance internacional e já foram implementados em vários países. Sua sede é no Rio de Janeiro. O Promundo desenvolve pesquisas, implementa intervenções comunitárias e participa de redes e alianças estratégicas em todo o mundo. O Promundo também provê apoio técnico para outras organizações da sociedade civil, fundações, governos e agências multilaterais, incluindo agências da ONU.

www.promundo.org.br



Coordenação Recife

Instituto PAPAI

Fundado em 1997, o Instituto PAPAI é uma ONG feminista, sediada em Recife (Nordeste do Brasil), que desenvolve ações educativas, informativas e políticas junto a homens e jovens em situação de pobreza, bem como estudos e pesquisas sobre gênero e masculinidades, a partir da perspectiva feminista e de gênero, na interface entre a Psicologia Social, Ciências Sociais e Saúde Pública.

www.papai.org.br



Coordenação Ceilândia Grupo Atitude

Grupo Atitude é uma organização não-governamental e sem fins lucrativos que, desde sua criação em 1998, em Ceilândia, Distrito Federal, periferia de Brasília, busca conscientizar os jovens sobre seus direitos e sobre a importância de participarem das transformações sociais. Nesse sentido, a instituição realiza atividades que incentivam adolescentes e jovens a desenvolverem capacidades e habilidades específicas para transformarem a comunidade e a sociedade em que vivem, criando condições favoráveis para o enfrentamento e a resolução de problemas do dia-a-dia.

www.grupoatidade.org.br



Coordenação Abelardo Luz MST

MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra é um dos maiores movimentos sociais na América Latina e um dos mais bem sucedidos movimentos mundiais com grande experiência de organização social e advocacy. Milhares de trabalhadores já se juntaram a causa da tentativa de reforma agrária no Brasil. Menos de 3% da população é dona de 2/3 da terra produtiva e mais de 50% de toda terra produtiva do Brasil encontra-se sem produzir, 25 milhões de pessoas lutam para sobreviver trabalhando em empregos temporários no meio agrícola. O MST nasce como uma resposta para essas desigualdades. Atualmente mais de 250.000 famílias ganharam direito a 15 milhões de acres após as ocupações feitas pelo MST. Um aspecto comum na vida da juventude envolvida com o movimento dos sem terra é o assédio e a violência da polícia, além do conflito armado.

www.mst.org.br

